

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

KARL BARTH: SUA VIDA E PROGRAMA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

Karl Barth: his life and biblical interpretation program

Francis Natan Gonçalves Martins¹

RESUMO

Karl Barth é considerado ainda nos dias de hoje o mais brilhante teólogo do século XX, o qual rompeu com o liberalismo teológico e deu início ao movimento neo-ortodoxo, propondo uma teologia baseada na Palavra de Deus e não na racionalidade humana. Foi um dos teólogos mais produtivos da história em quesito de produção de obras, influenciando ainda na atualidade o mundo acadêmico e religioso. Fez-se uma breve abordagem de sua vida, sua formação teológica, crise com a teologia liberal e seu programa de interpretação bíblica. Avaliou-se assim a relevância e utilidade de seus recursos teológicos de interpretação, assim como os equívocos apresentados em sua hermenêutica bíblica.

Palavras-chave: Karl Barth. Palavra de Deus. Neo-ortodoxia. Interpretação. Teologia.

ABSTRACT

Karl Barth is still considered today the most brilliant theologian of the 20th century, who broke with theological liberalism and started the neo-orthodox movement, proposing a theology based on the Word of God and not on human rationality. He was one of the most productive theologians in history in terms of production of works, still influencing the academic and religious world today. Here was made a brief approach to his life, his theological formation, his crisis with liberal theology and his biblical interpretation

¹ O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Trabalha como Pastor de Adoração na Primeira Igreja Batista em Ijuí e como Coordenador de Estágios e Gestor de Comunicação e Marketing na Faculdade Batista Pioneira em Ijuí. E-mail: natanmartins@batistapioneira.edu.br

program. Thus, the relevance and usefulness of its theological resources of interpretation were evaluated, as well as the mistakes presented in its biblical hermeneutics.

Keywords: Karl Barth. God's Word. Neo-orthodoxy. Interpretation. Theology.

INTRODUÇÃO

Pouco mais de vinte anos nos distanciam do último século, o século XX. Muitos foram os nomes que influenciaram e compuseram a teologia deste período. Mas bom número de estudiosos dos dias atuais não hesita em afirmar, sem mescla de dúvidas, que o principal e mais brilhante entre esses foi Karl Barth², sendo o mais influente pensador cristão do século XX.³ Karl Barth foi reconhecido como pai da igreja moderna, sendo classificado junto a grandes nomes, como Agostinho, Tomás de Aquino, Lutero, Calvino e Schleiermacher, devido a sua enorme contribuição original à teologia⁴, chegando a publicar 553 títulos durante toda a sua vida⁵, sendo um dos mais densos teólogos da história da Igreja cristã.⁶

Sua influência foi notória no meio teológico, sendo expressa através das palavras descritas por seu aluno Eberhard Jüngel, em 1982:

Karl Barth é o mais importante teólogo protestante desde Schleiermacher, o qual ele procurou superar, mas de quem, ainda assim, é devedor em muitos aspectos. A influência pessoal e literária de Barth mudou profundamente o formato da teologia cristã, ultrapassando barreiras confessionais e alterando de modo significativo o rumo da igreja protestante. Deixou, ainda, sua marca inconfundível na vida política e cultural do século 20.⁷

Algo que despertou muita atenção de seus críticos foi sua forma de interpretação da Bíblia. Teria o programa de interpretação do teólogo suíço Karl Barth influência e relevância nos dias de hoje? Não há como descrever seu programa de hermenêutica bíblica sem falar de sua vida, da construção de sua ótica de interpretação e os frutos desta. Para isso o presente ensaio se dispõe, abordando no primeiro ponto a vida e a formação teológica do teólogo Karl Barth. A segunda sessão discorrerá a crise de Barth com a teologia liberal. Em sequência, o terceiro ponto, abordará seu programa de interpretação bíblica, com apontamentos deste em suas obras. Para concluir, apontar-se-á os efeitos nocivos da hermenêutica barthiana, sendo que esta não conseguiu se desvincular totalmente das influências do liberalismo teológico.

1. VIDA DE KARL BARTH

O teólogo Karl Barth nasceu em 10 de maio de 1886 na Basileia, Suíça. Seu pai, Fritz Barth, era professor Novo Testamento e História da Igreja em uma universidade na cidade de

² SANTANA FILHO, Manoel B. **Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana**. São Paulo: ASTE, 2013, p. 13.

³ LOPES, A. N. **A Bíblia e seus intérpretes**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 211.

⁴ GRENZ, S. J.; OLSON, R. E. **A teologia do século 20: e os anos críticos do século 21**. 2.ed. Tradução de Suzana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p. 75.

⁵ BUSCH, Eberhard. **Karl Barth: his life from letters and autobiographical texts**. Michigan: Eerdmans, 1994, p. 509-512.

⁶ SANTANA FILHO, 2013, p. 31.

⁷ JÜNGEL, Eberhard. **Karl Barth: a theological legacy**. Tradução de Garret E. Paul. Westminster, 1986, p. 22.

Berna⁸ e identificava-se com um grupo tido como conservador dentro da Igreja Reformada na Suíça. A família de Barth era muito rígida, mas feliz em seu convívio familiar, sendo que ele guardava grande apreço pelos seus pais.⁹

Ainda jovem, Barth decidiu tornar-se teólogo, no ano de 1902, as vésperas de sua profissão de fé. Essa decisão foi tomada não por ansiar o pastoreio de uma igreja local, mas como forma de sanar suas dúvidas relativas ao credo e as questões vagas que existiam em sua mente e coração.¹⁰ Barth recebeu sua educação cristã inicial através de seu pastor Robert Aeschbacher, na Igreja Reformada na Suíça. Educação esta que deixou marcas profundas em sua mente, às quais o motivaram a carreira teológica e podem ser percebidas em muitos traços de sua produção teológica.¹¹

Movido pelo anseio de preparo teológico mais aprofundado, Barth estudou teologia em universidades em Berna, Berlim, Tübingen e Marburg, sendo fortemente influenciado por um posicionamento teológico na linha ritschiliana de pensamento teológico liberal. Barth recebeu grande influência de Harnack durante o período que esteve em Berlim. Já em Marburg, tornou-se discípulo do teólogo ritschliano Wilhelm Herrmann.¹² Após este período de sua vida, concluiu seu bacharelado em 1909.¹³

Ainda antes de sua formação, no ano de 1908, Barth foi ordenado ao ministério e assumiu o pastoreado na Igreja Reformada em Genebra, igreja onde em anos anteriores João Calvino havia pastoreado. Mesmo em uma congregação tão reconhecida, Barth sentiu-se frustrado com seu ministério local e então decidiu assumir o pastoreio de uma pequena congregação na também pequena cidade de Safenwil na Suíça, no ano de 1911. Neste ministério local, Karl Barth iniciou uma revolução teológica, fazendo história no meio teológico.¹⁴ Barth permaneceu no pastoreio em Safenwil até o ano de 1921.

Em Safenwil e região, deparou-se com abusos de patrões de fábricas aos seus operários. A partir do então, passou a envolver-se com conflitos e questões sociais, tornando-se nesta época um socialista cristão. Barth participou ativamente e influenciou movimentos políticos, chegando a organizar um sindicato entre os operários. No ano de 1915, Karl Barth filiou-se ao Partido Social-Democrata. Mas devido ao início da I Guerra Mundial, Barth percebeu-se em crise com sua fé liberal, assim como seus ideais socialistas.¹⁵

No ano de 1922, tornou-se professor de teologia reformada na Universidade de Göttingen, onde juntamente com nomes como Thurneysen, Bultmann, Gogarten e Brunner, ajudou a desenvolver a teologia dialética. Em 1926 foi convidado para lecionar Dogmática e Teologia do Novo Testamento na Universidade de Münster, função que desenvolveu até 1929,

⁸ FERREIRA, Franklin. **Karl Barth**: uma introdução a sua carreira e aos principais temas de sua teologia. Fides Reformata, VIII, Nº1, 2003, p. 30.

⁹ GRENZ; OLSON, 2014, p. 76.

¹⁰ GRENZ; OLSON, 2014, p. 76.

¹¹ FERREIRA, 2003, p.30.

¹² GRENZ; OLSON, 2014, p. 76.

¹³ FERREIRA, 2003, p.30.

¹⁴ GRENZ; OLSON, 2014, p. 76.

¹⁵ FERREIRA, 2003, p. 31.

visto que em 1930 tornou-se professor de Teologia Sistemática na Universidade de Bonn, na Alemanha.¹⁶

No período dos anos 30, Barth envolveu-se com o movimento eclesial antinazista na Alemanha, cooperando com a elaboração da Declaração de Barmen, em 1934, a qual declarava que Jesus Cristo é o único Senhor. Desta forma, levantou uma crítica aos cristãos alemães que exaltavam ao Führer Adolf Hitler à posição do Messias nacional. Assim Barth é notado como forte opositor ao nazismo.¹⁷

Devido ao seu descumprimento em iniciar suas aulas com uma saudação nazista e a recusa em assinar um juramento de lealdade ao Führer, o governo alemão suspendeu sumariamente seu cargo de professor universitário na Universidade de Bonn, em 1935, expulsando-o da Alemanha. Após este episódio, Barth foi convidado para assumir como cátedra na Universidade da Basileia, na Suíça, voltando à sua cidade natal, onde viveu e lecionou pelo restante de sua vida.¹⁸

Durante os vinte e sete anos seguintes, Barth esmerou-se em sua obra “*A Dogmática da Igreja*” e em muitas outras obras. Estudantes do mundo todo se dirigiam a Basileia para ouvir suas palestras. Bom número de alunos ingleses e americanos participavam de seus seminários, ao ponto de ministrar aulas semanais em inglês para atendê-los.¹⁹

Em 1962, aos 75 anos de idade, Karl Barth se aposentou do ensino de tempo integral, dedicando-se a viagens e conferências na Europa e América, chegando a ser convidado pela Igreja Católica Romana para o 2º Concílio do Vaticano, que ocorreu entre outubro de 1962 e dezembro de 1965. O teólogo suíço faleceu em 9 de dezembro de 1968, em sua casa.²⁰

Barth nunca completou seu doutorado, embora tenha recebido grande número de honras durante sua vida, com o título *Doctor Honoris Causa* de grandes universidades²¹, como a Universidade de Chicago nos Estados Unidos, Münster na Alemanha; Utrecht na Holanda; Glasgow, St. Andrews, Edinburgh e Aberdeen na Escócia; Oxford na Inglaterra; Budapest na Hungria; Faculdade Teológica Protestante de Estrasburgo, Paris e Sorbonne na França.²²

2. CRISE DE KARL BARTH COM O LIBERALISMO TEOLÓGICO

Bart foi moldado no liberalismo teológico alemão em seus primeiros anos de preparo acadêmico. Suas referências teológicas e mestres foram os mais renomados teólogos liberais europeus, podendo citar entre estes Schleiermacker, Adolf Von Harnack, Hermann Gunkel, Adolf Schlatter e Willhem Herrmann.²³

Faz-se necessário uma breve abordagem sobre do que se trata o Liberalismo Teológico. Este, por sua vez, foi um “cristianismo” gerado a partir do Iluminismo, com base no

¹⁶ FERREIRA, 2003, p. 33.

¹⁷ GRENZ; OLSON, 2014, p. 80.

¹⁸ FERREIRA, 2003, p. 38.

¹⁹ GRENZ; OLSON, 2014, p. 80.

²⁰ GRENZ; OLSON, 2014, p. 81.

²¹ GRENZ; OLSON, 2014, p. 76,81.

²² FERREIRA, 2003, p. 31.

²³ FERREIRA, 2003, p. 31.

racionalismo. Seus intentos acabaram por retirar da Bíblia o sobrenatural. Entre as suas principais crenças, elencam-se os seguintes pontos:

- 1) A Bíblia não é a Palavra de Deus, como um registro infalível e inspirado, mas é apenas um testemunho redigido da religião praticada por israelitas e cristãos, que registravam suas impressões sobre a Divindade. Em suas páginas não se encontra Deus, mas apenas relatos da fé de um povo antigo.²⁴
- 2) Relatos históricos da Bíblia que não sejam comprovados pela arqueologia, não são válidos. As profecias são enganosas, tendo sido registradas após os fatos mencionados. Os relatos da vida de Jesus nos evangelhos são mentiras e o apóstolo Paulo vem a ser o real fundador do cristianismo.²⁵
- 3) A única coisa permanentemente de valor no cristianismo é o ensino moral sobre Jesus Cristo. As declarações doutrinárias da Igreja não têm valor, visto que as experiências pessoais são o fator modelador da religião, sem necessitar da revelação.²⁶
- 4) Todas as religiões são boas e levam a Deus, sendo o cristianismo apenas a melhor delas.²⁷
- 5) O ser humano é bom em si, pois mantém dentro de si um pouco do caráter de seu Criador. Ele necessita apenas de encorajamento para fazer o que é correto.²⁸
- 6) Jesus Cristo não era Divino nem Salvador, apenas um homem normal que não demonstrou quaisquer aspectos sobrenaturais. Em relação a salvação, somente foi um exemplo de conduta irrepreensível, não tendo poder salvífico em sua vida.²⁹
- 7) Deus está totalmente despido de valores morais, sendo seu caráter dominado pelo Amor. Desta forma, todos os homens são seus filhos e o pecado não separa ninguém dele.³⁰

Foi o Liberalismo que gerou o método histórico-crítico de hermenêutica bíblica. Seus intérpretes tentavam interpretar a Bíblia esquecendo propositalmente o pressuposto de sua inspiração, Divindade e aspectos miraculosos, defendendo que, desta forma, sua interpretação seria “neutra” e de fato “científica”. Assim trocaram o pressuposto da fé, tão importante para a real compreensão da Palavra de Deus (1Co 2.14), pelo pressuposto da incredulidade ao folhear as páginas da Escrituras Sagradas.³¹

Apesar de ser doutrinado no liberalismo teológico e abraçar muitas de suas ideias, Barth viu sua fé liberal abalada com o início da I Guerra Mundial.³² Muitos motivos poderiam ser

²⁴ LOPES, 2007, p. 194.

²⁵ LOPES, 2007, p. 195.

²⁶ LOPES, 2007, p. 194.

²⁷ LOPES, 2007, p. 194.

²⁸ LOPES, 2007, p. 194.

²⁹ LOPES, 2007, p. 194.

³⁰ LOPES, 2007, p. 194.

³¹ LOPES, 2007, p. 195.

³² FERREIRA, 2003, p. 31.

elencados para explicar a frustração de Barth com o Liberalismo, mas dois sobressaem como maiores motivadores.³³

Primeiramente, Barth como um pastor de uma igreja local, ainda em Safenwil, percebeu que a teologia liberal não lhe oferecia uma proposta efetivamente proveitosa que o ajudasse a pregar o Evangelho de Cristo semanalmente no púlpito da pequena congregação. A partir de então passou a dedicar-se a analisar na Bíblia de forma diferenciada, o que lhe proporcionou uma visão desconhecida até então. Barth encontrou realmente na Bíblia uma mensagem relevante ao rebanho que pastoreava, algo que a teologia liberal fora incapaz de fazer,³⁴ chegando a afirmar que descobrira “O Estranho Mundo Novo Dentro da Bíblia”.³⁵

Em segundo lugar, ele entrou em uma profunda crise ao ver seus principais professores aprovando a política que moveu a Alemanha à I Guerra Mundial.³⁶ Barth frustrou-se ao ler a declaração redigida por noventa e três intelectuais alemães que apoiavam o levante do imperador Kaiser Guilherme II à guerra, sendo que entre estes estavam nomes de seus honrados professores de teologia. Para Barth, tal apoio provava que havia algo profundamente errado na teologia destes, a ponto de promoverem a ideologia da guerra. Concluiu então que seria um erro “aceitar suas éticas e dogmas, sua exegese bíblica, sua interpretação da História”.³⁷

Sua frustração com seus mestres liberais fora tamanha que chegou a propor-se a mostrar que toda a teologia liberal do século XIX era esdrúxula, passando a dedicar veementemente seu talento teológico a desqualificá-la. Ainda no período da guerra, Karl Barth começou a redigir o seu tão famoso comentário sobre a carta aos Romanos, o qual foi publicado no ano de 1919, onde elevou os ânimos e a oposição de seus críticos (até mesmo seus mestres) devido suas severas críticas à teologia liberal protestante.³⁸

A partir desta frustração, Barth se esforçou em subjugar os efeitos nocivos ao cristianismo que o tão disseminado liberalismo teológico, assim como o método histórico-crítico o eram. Ele propôs uma nova hermenêutica bíblica e uma nova teologia, que posteriormente veio a ser nomeada de neo-ortodoxia.³⁹ Barth empenhou-se para se ver livre da dependência de sistemas filosóficos ou modismos culturais e intelectuais, embasando sua teologia na revelação de Deus. Mas embora tivesse este ímpeto, não conseguiu se ver totalmente livre das influências liberais, o que será apontado no ponto em sequência.⁴⁰

³³ GRENZ; OLSON, 2014, p. 77.

³⁴ GRENZ; OLSON, 2014, p. 77.

³⁵ BARTH, Karl. **A palavra de Deus e a palavra do homem**. Tradução de Claudio Rodrigues. São Paulo: Novo Século, 2004, p. 27.

³⁶ SANTANA FILHO, 2013, p. 31.

³⁷ GRENZ; OLSON, 2014, p. 77.

³⁸ GRENZ; OLSON, 2014, p. 77.

³⁹ LOPES, 2007, p. 211.

⁴⁰ GRENZ; OLSON, 2014, p. 88.

2.1 Problemas da teologia de Barth

Alguns aspectos se fazem relevantes serem elencados, são os pontos negativos da teologia de Barth, a saber:

- Separação entre “inspiração verbal” e “inspiração literal” da Bíblia;⁴¹
- Descrença na inerrância da Bíblia, ou seja, esta contém erros;⁴²
- Inspiração seletiva da Bíblia, em caráter de “acontecimento”;⁴³
- Predestinação e rejeição apenas de Jesus Cristo;⁴⁴
- Universalismo soteriológico.⁴⁵

Como se pode analisar, alguns pontos que ele defendia eram contraditórios, sendo sua teologia dialética e paradoxal.⁴⁶ A teologia de Karl Barth também fora nominada como a “teologia da crise”, devido suas mudanças transitórias e contrapontos que ele defendia.⁴⁷

Embora mantivesse alguns pontos em comum com o liberalismo teológico, seu levante contra este resultou no nascimento de um novo movimento teológico, a neo-ortodoxia, da qual viera a ser chamado de “pai”.⁴⁸ Karl Barth fora tido como o precursor de uma nova reforma.⁴⁹

2.2 Resgates benéficos da teologia de Barth

Eis alguns pontos salutareos que Bart resgatou e defendeu através de seu esforço contra o liberalismo teológico:

- Doutrina da Trindade;⁵⁰
- Teologia Dogmática e fé cristã a partir da Palavra e não da razão;⁵¹
- Teologia centrada em Deus e não no homem;⁵²
- Transcendência de Deus;⁵³
- Rejeição total da teologia natural, pois esta é um modo sutil de condução a uma sujeição do evangelho à cultura;⁵⁴
- Senhorio total de Cristo;⁵⁵
- Reconciliação da humanidade com Deus através de Jesus Cristo;⁵⁶

⁴¹ LOPES, 2007, p. 212.

⁴² LOPES, 2007. p. 212.

⁴³ GRENZ; OLSON, 2014, p. 82.

⁴⁴ GRENZ; OLSON, 2014, p. 86.

⁴⁵ GRENZ; OLSON, 2014, p. 87.

⁴⁶ GRENZ; OLSON, 2014, p. 83.

⁴⁷ MACKINTOSH, Hugh R. **Teologia moderna:** de Schleiermacker a Bultmann. Tradução de Deuber de Souza. Itapetininga: Novo Século, 2002, p. 281-283.

⁴⁸ LOPES, 2007, p. 211-212.

⁴⁹ SANTANA FILHO, 2013, p. 31.

⁵⁰ GRENZ; OLSON, 2014, p. 90.

⁵¹ LOPES, 2007, p. 212.

⁵² GRENZ; OLSON, 2014, p. 77.

⁵³ GRENZ; OLSON, 2014, p. 90.

⁵⁴ GRENZ; OLSON, 2014, p. 81.

⁵⁵ GRENZ; OLSON, 2014, p. 80.

⁵⁶ GRENZ; OLSON, 2014, p. 80.

- Compreensão da revelação objetiva de Deus em Jesus Cristo através da fé.⁵⁷

Apesar de ter se levantado contra o Liberalismo Teológico, Barth ainda nos dias de hoje é tido como um liberal. Barth tornou-se alvo de diversos levantes de embates de diferentes posições teológicas, sendo considerado pelos americanos como liberal e pelos europeus um conservador fundamentalista.⁵⁸ Seria isso realidade? Necessário é discorrer sobre seu ponto de vista referente a Bíblia e seu programa de interpretação para uma melhor definição sobre a questão.

3. PROGRAMA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

Em relação a seu programa de interpretação bíblica, faz-se necessário pontuar que Barth não enxergava a Bíblia como Palavra de Deus, mas meramente como testemunha da revelação e dos feitos divinos na esfera humana, sendo que a Bíblia não poderia revelar expressamente a pessoa de Deus. Para Barth, a Bíblia torna-se Palavra de Deus na medida em que Deus a usava para tocar o coração do indivíduo, dando significância aos registros nela contidos.⁵⁹

Ao mesmo tempo, a Bíblia não poderia ser rejeitada como um livro escritos por homens ou pela Igreja, pois no ato da proclamação, Deus permite que esta venha a se tornar Sua Palavra. Ela não se torna Palavra por que o homem crê nela, mas porque Deus permite que esta venha se tornar revelação para o indivíduo. Portanto, a Bíblia é a Palavra de Deus apenas na medida que este fala por meio dela.⁶⁰

Não é vão que se perceba a seguinte afirmação em uma de suas obras, Introdução à Teologia Evangélica: "...Bíblia. "O que está escrito" – a saber, nos textos deste livro – é o testemunho da palavra de Deus, é a palavra de Deus contida neste testemunho." Tal afirmação expressa a compreensão que Barth defendia, de que a Bíblia não é em si Palavra de Deus, mas um testemunho da Palavra de Deus.⁶¹

Eis uma afirmação de Barth ao fim de sua obra "Dogmática da Igreja", que ampara estas duas últimas considerações:

Em suma, nossa declaração distingue a Palavra falada na existência de Jesus Cristo de todos os outros, como a Palavra de Deus. Quando pensamos nesses outros, fazemos bem em incluir até as palavras humanas ditas na existência e testemunho dos homens da Bíblia e da Igreja. Na distinção de tudo isso, Jesus Cristo é a única Palavra de Deus.⁶²

Outro fator relevante referente ao programa de interpretação bartiano, é que a Bíblia é compreendida através da pessoa de Cristo. Tudo na Escritura aponta para Cristo, como o Eixo central, sendo que do início ao fim, a Bíblia nos direciona à Jesus na sua compreensão.⁶³

⁵⁷ GRENZ; OLSON, 2014, p. 79.

⁵⁸ SANTANA FILHO, 2013, p. 31.

⁵⁹ LOPES, 2007, p. 215.

⁶⁰ MACKINTOSH, 2002, p. 306-307.

⁶¹ BARTH, Karl. **Introdução à teologia evangélica**. 5.ed. Tradução de Lindolfo Weingartner. São Leopoldo: Sinodal, 1996, p. 28.

⁶² BARTH, 1996, p. 30.

⁶³ BARTH, Karl. **Church Dogmatics: a selection with introduction by Helmuth Gollwitzer**. Louisville: John Knox, 1994, p. 31.

Segundo Karl Barth, Jesus é a Palavra de Deus desde toda eternidade que veio a revelação na encarnação de Cristo.⁶⁴ Deus tem falado através de Jesus a sua humanidade criada. Sendo assim, é na pregação que Deus fala aos indivíduos em linguagem humana.⁶⁵

Para Barth, Deus não fala apenas pela Bíblia, mas Sua revelação vai além desta. Quando indagado sobre sua posição sobre a revelação da Palavra de Deus em uma entrevista em 1967, um ano antes de sua morte, Barth afirmou:

O Deus que falou sua palavra decisiva em Jesus Cristo, este não é um Deus morto como muitos tolos estão falando atualmente. Em vez disso, este é o Deus vivo que também fala hoje. E, se tivéssemos ouvidos para escutar, poderíamos ouvi-lo constantemente. Por que o mundo em que vivemos foi criado por Ele. E, se tivéssemos olhos para enxergar, poderíamos muito bem aprender a revelação não apenas na Bíblia, mas em outros lugares.⁶⁶

Embora Barth tenha se proposto ao afastamento das influências da teologia liberal, elaborando sua teologia de forma centrada na Palavra, não conseguiu ser eficiente em seu levante. Barth afirmava e defendia uma distinção entre “inspiração verbal” e “inspiração literal”, defendendo que a inspiração verbal não poderia ser excluída teologicamente pelo fato de a Bíblia ser testemunha de Cristo. Já a inspiração literal deveria ser negada, pois esta seria uma tentativa de dar uma garantia miraculosa para o testemunho bíblico que pode conter erros. Os fatos e testemunhos relatados na Bíblia não expressam a voz de Deus, pois esta é transcendental, sendo a Escritura e a história da redenção apenas um testemunho da ação de Deus na história da humanidade. A partir deste posicionamento, Barth expõe sua descrença na Inerrância Bíblica, fato que é notado em seu programa de interpretação bíblica.⁶⁷

Uma boa e honesta forma de identificar a hermenêutica de Karl Barth é a partir de seus escritos, onde sobressaem seus valores e ótica de interpretação. Cita-se aqui alguns trechos de suas obras:⁶⁸

A história somente é útil quando o historiador procurar entender o passado nas multifacetadas de sua unidade; quando fizer ressaltar os inúmeros aspectos que apontam, no passado, ao sentido de nossa presente existência; quando ele der voz inteligível ao discurso da simultaneidade e tornar visível e audível aquela parte não material, não histórica que está na origem e no fim de todos eventos históricos e que, por princípio, se situa, primeiramente, na crise do desfalecimento para a morte.⁶⁹

Percebe-se neste trecho de seu comentário sobre o texto de Romanos 4.17-25 que em relação à utilidade dos escritos bíblicos nos dias de hoje, Barth defendia a “simultaneidade histórica”, onde a Bíblia só se faz relevante caso haja correlação entre o fato relatado e nossa

⁶⁴ BARTH, 1994, p. 38.

⁶⁵ MACKINTOSH, 2002, p. 304-306.

⁶⁶ BARTH, Karl. Trecho de Entrevista em vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iLvDY8NU80o&feature=youtu.be>> Extraído do filme "JA und NEIN, Karl Barth zum Gedächtnis" (1967), dirigido por Heinz Knorr, Calwer Verlag. Acesso: 06 de jun. de 2020, às 00:26.

⁶⁷ LOPES, 2007, p. 212.

⁶⁸ LOPES, 2007, p. 212.

⁶⁹ BARTH, Karl. **Carta aos Romanos**. 2.ed. Tradução de Lindolfo Anders. São Paulo: Novo Século, 2003, p. 229.

vivência momentânea no agora. Sendo assim, a relevância dos relatos da Bíblia é totalmente condicional a aplicabilidade na história do indivíduo, a partir do momento que este se vê no texto e traz para si seu conteúdo.⁷⁰

Tendo isso em mente, Barth defendia que a Bíblia só é Palavra de Deus em sentido instrumental, em caráter de “acontecimento”, em que Deus torna a Bíblia sua Palavra, falando através dela mesmo que esta contenha erros.⁷¹

O trecho também revela que Barth parece não se importar muito com a firmeza histórica da Bíblia, pois não considerava necessária a prova dos atos históricos ali relatados. Poderiam ser reais ou não, mas eram expressões da mesma fé do agora vivida em outrora. Tal ótica de Barth desconsidera a importância do relato histórico da fé, fato que é acentuado também no seguinte trecho, referente ainda ao texto de Romanos 4.17-25:⁷²

Estamos juntos com o Abraão do Gênesis que é muito mais “não-histórico”... Não crendo, resta-nos, entre outras possibilidades possíveis, a da crítica analista que, conscientemente — propositadamente —, se até ao Abraão que não nos diz respeito, que não nos concerne, nem pode interessar-nos... somente poderá testificar que o Abraão histórico não nos diz respeito... E à medida que o fizer, ela abrirá os olhos para o Abraão “não histórico” do Gênesis, para a necessidade da síntese, e para a impossível possibilidade de podermos, todos, atrever-nos a contar com nossa fé.⁷³

Outro trecho que acusa seu pensamento de desconsideração a relevância histórica da Bíblia, é o comentário sobre Romanos 5.12-21: “Nem Adão, nem Cristo, a quem Deus ressuscitou dos mortos e estabeleceu como fonte da vida, e de quem Adão é a projeção prefigurativa, — são personagens de nossa história secular”.⁷⁴

Ainda dentro de seu programa de interpretação bíblica, Karl Barth buscou rebater o método histórico-crítico de interpretação bíblica. Mas seu posicionamento, ao invés de ser conciso e dar uma réplica ao levante do histórico-crítico ao querer desmerecer fatos bíblicos não comprovados pela ciência, parece ter ficado em um meio de campo, aceitando que alguns trechos das Escrituras contêm de fato erros que não podem ser provados ao serem analisados. Sua desculpa diante de tal colocação é que há trechos nas Escrituras que não precisam ser realmente históricos, mas trazem testemunhos com lições que inspiram a fé imaterial. Tal pensamento evidencia-se no comentário referente a Romanos 6.1-11:⁷⁵

Apenas como parábola! Pois está absolutamente claro que o despertar de Jesus de entre os mortos não é um acontecimento de extensão histórica ao lado [e a par] de outros acontecimentos de sua vida e morte porém, é o relacionamento não histórico... de toda sua vida histórica testificando a sua origem em Deus.⁷⁶

⁷⁰ LOPES, 2007, p. 212-213.

⁷¹ GRENZ; OLSON, 2014, p. 82.

⁷² LOPES, 2007, p. 213.

⁷³ BARTH, 2003, p. 231.

⁷⁴ BARTH, 2003, p. 265.

⁷⁵ LOPES, 2007, p. 213.

⁷⁶ BARTH, 2003, p. 299.

Outro relato que deixa certa dúvida sobre sua confiança na historicidade do relato bíblico é o que se encontra em seu livro “Esboço de uma Dogmática”, onde classifica o relato da criação como uma “saga” que tem por finalidade mostrar a ação de Deus diante do povo da aliança:

...com Gênesis 1 e 2. Pode-se, no máximo, afirmar que o texto de Gênesis conservou alguns traços mitológicos. Mas a maneira pela qual a Bíblia os utiliza é sem paralelo na mitologia. Se tivermos de dar um nome ao relato bíblico ou classificá-lo dentro de um gênero literário, pode-se falar de saga. Em Gênesis 1 e 2, a Bíblia fala de acontecimentos que escapam ao nosso conhecimento histórico. Mas ela está falando com base em um conhecimento e se remetendo a uma história. A característica dos relatos bíblicos da criação é que eles estão estreitamente ligados à história de Israel, vale dizer, à história da ação de Deus desencadeada pela sua aliança com o homem.⁷⁷

Barth demonstra não crer na necessidade de um momento histórico para os relatos bíblicos. Segundo sua forma de pensamento, os resultados de uma análise histórico-crítica podem trazer resultados não tão favoráveis em relação a historicidade dos relatos, mas ainda assim, o cristão deve ser guiado pela fé, pois “a fé independe da historicidade da narrativa bíblica”.⁷⁸

A realidade da desconsideração de Barth à historicidade da Bíblia é um fato preocupante, pois este ato coloca em risco a revelação e a teologia bíblica. Um cristianismo sem bases históricas de sua fé, mantém sua argumentação de defesa do seu credo como que “flutuando no ar”. Não é em vão que Barth acaba por defender algumas distorções bíblicas como o universalismo.⁷⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Barth desencadeou uma reação contra o liberalismo que dominou o cenário teológico até a segunda metade do século XX. Foi o pai de um novo movimento na teologia, influenciando ou instigando bom número de teólogos de sua época e posteriores. O movimento neo-ortodoxo, iniciado por Barth, teve como marca a tentativa de redescobrir o significado para o mundo moderno de certas doutrinas que haviam sido centrais para a antiga ortodoxia cristã e se perderam no caminho da história.⁸⁰

Lamenta-se que aquele que é considerado o maior teólogo do século XX tenha tido uma visão distorcida e neutra quanto à historicidade bíblica, julgando realmente desnecessária a historicidade dos atos relatados na Bíblia. Barth permaneceu em uma dicotomia entre Bíblia e Palavra de Deus, chegando a não admissão da inerrância bíblica.⁸¹ Embora seu intento em contrapor o Liberalismo e o método hermenêutico histórico-crítico fosse nobre, não se despiu

⁷⁷ BARTH, Karl. **Esboço de uma dogmática**. Tradução de Paulo Zacarias. São Paulo: Fonte Editorial, 2006, p. 67.

⁷⁸ LOPES, 2007, p. 213-214.

⁷⁹ LOPES, 2007, p. 215.

⁸⁰ GRENZ; OLSON, 2014, p. 73.

⁸¹ LOPES, 2007, p. 215.

totalmente de suas influências em sua teologia e hermenêutica, não indo muito longe em sua proposta.⁸²

Seu posicionamento e influência podem ser tão nocivos ou até quantitativamente maiores, que o liberalismo teológico, visto que é dúbio e paradoxal, tornando-se sutil a “presas fáceis”. Não se aconselha seguir a ótica de interpretação bíblica de Barth, pois desmerece a firmeza, a historicidade, a inerrância e a inspiração da Bíblia, a verdadeira Palavra de Deus!

REFERÊNCIAS

BARTH, Karl. **A Palavra de Deus e a palavra do homem**. Tradução de Claudio Rodrigues. São Paulo: Novo Século, 2004. 247 p.

BARTH, Karl. **Carta aos Romanos**. 2.ed. Tradução de Lindolfo Anders. São Paulo: Novo Século, 2003. 854 p.

BARTH, Karl. **Church Dogmatics**: a selection with introduction by Helmuth Gollwitzer. Louisville: John Knox, 1994. 260 p.

BARTH, Karl. **Esboço de uma dogmática**. Tradução de Paulo Zacarias. São Paulo: Fonte Editorial, 2006. p. 67.

BARTH, Karl. **Introdução à teologia evangélica**. 5.ed. Tradução de Lindolfo Weingartner. São Leopoldo: Sinodal, 1996. 128 p.

BARTH, Karl. **Trecho de Entrevista em vídeo**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iLvDY8NU80o&feature=youtu.be>> Extraído do filme "JA und NEIN, Karl Barth zum Gedächtnis" (1967), dirigido por Heinz Knorr, Calwer Verlag. Acesso: 06 de jun. de 2020, às 00:26.

BUSCH, Eberhard. **Karl Barth**: his life from letters and autobiographical texts. Michigan: Eerdmans, 1994. 569 p.

FERREIRA, Franklin. **Karl Barth**: uma introdução à sua carreira e aos principais temas de sua teologia. Fides Reformata, VIII, N°1, 2003. p. 29-62.

GRENZ, S. J.; OLSON, R. E. **A Teologia do Século 20**: e os anos críticos do século 21. 2.ed. Tradução de Suzana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2014. 464 p.

JÜNGEL, Eberhard. **Karl Barth**: a Theological Legacy. Tradução de Garret E. Paul. Westminster, 1986.

LOPES, A. N. **A Bíblia e seus intérpretes**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. 287 p.

MACKINTOSH, Hugh R. **Teologia moderna**: de Schleiermacker a Bultmann. Tradução de Deuber de Souza. Itapetininga: Novo Século, 2002. 384 p.

⁸² LOPES, 2007, p. 212.

SANTANA FILHO, Manoel B. Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana. São Paulo: ASTE, 2013. 425 p.